
Artigo Científico

A cognição social e a construção da relação educador-bebê na creche

Social cognition and the construction of infant-caregiver affective relationship

Leila Sanches de Almeida[✉]

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Programa de Pós-Graduação de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia (EICOS), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo

A abordagem da Rede de Significações (RedSig) toma a relação social como uma construção dialógica que é mediada por diversas pessoas e que envolve diversos contextos sociais e conteúdos da matriz sócio-histórica - tais como os valores sociais, constituintes da cognição social. Assim, o presente estudo tem como objetivo apontar a presença de valores sociais no processo de construção da relação afetiva educador-bebê. Duas educadoras, quatro bebês (04-09 meses de idade) e suas mães participaram do estudo. Foram realizadas 60 entrevistas com as educadoras e as mães, ao longo dos três primeiros meses de inserção dos bebês em uma creche. Observou-se nas falas a presença de valores sociais sobre cuidados infantis, a relação afetiva mãe-bebê, o papel da educadora e alimentação de bebês. Viu-se ainda que outras pessoas fizeram parte do processo de construção da relação através de suas vozes, presentes no discurso das mães e educadoras. © Ciências & Cognição 2006; Vol. 07: 42-48.

Palavras-chaves: relação social; cognição social; significações; subjetividade; creche.

Abstract

The Network of Meanings (RedSig) takes social relationship in a dialogical perspective. It is a construction which is mediated by people, environment and contents of socio-historical matrix – such as the social values that integrates the social cognition. Thus, the present study aims to investigate the presence of social values in the process of construction of infant-caregiver affective relationship. The participants were two caregivers and four mothers with their babies four to nine months old. A total of 60 interviews were carried out with the adults along the first three months of the babies' attendance at a day-care centre. Some reports were constructed upon discourses which carried on social values about child care, infant-mother affective relationship, the social role of caregiver and babies feeding. Other people partake in the process through the discourse of mothers and caregivers. © Ciências & Cognição 2006; Vol. 07: 42-48.

Keywords: social relationship; social cognition; meanings; subjectivity; daycare center.

[✉] – L.S. Almeida é Psicóloga (UFRJ), Mestre em Psicologia Social e da Personalidade (Fundação Getúlio Vargas - FGV) e Doutora em Medicina - Saúde Mental (Universidade de São Paulo - USP). Atua como Professora do Programa de Pós-Graduação EICOS e do curso de Graduação em Psicologia na UFRJ. Endereço para contato: UFRJ – Instituto de Psicologia. Avenida Pasteur, nº 250, fundos. Campus da Praia Vermelha. Rio de Janeiro (RJ). Brasil. 22290-000. E-mail para contato: lalmeid@unisys.com.br.

Introdução

Nas três últimas décadas, continua crescendo a participação das mulheres brasileiras no mercado de trabalho. Segundo dados do PNAD (1999), 42,23% das mulheres brasileiras residentes na Região Sudeste em 1998 tinham algum tipo de ocupação profissional. Deste total, 62,61% eram trabalhadoras que se encontravam em idade fértil, mulheres de 15 a 39 anos. É provável que muitas delas tenham enfrentado o dilema de encontrar uma solução apropriada para assegurar os cuidados diários de seus filhos durante o seu horário de trabalho. Neste panorama, a creche coloca-se como uma das opções das mulheres trabalhadoras ou estudantes. Entretanto, nem as transformações sociais e nem os questionamentos recentes sobre os papéis sociais do homem e da mulher, conseguiram desconstruir por completo a concepção de que o cuidado e a educação da criança pequena competem apenas à família. Clarke-Stewart e colaboradores (1994) preconizam ser de suma importância que se caracterize a creche como um contexto que oferece experiências enriquecedoras para a criança, para a sua vida e para o seu desenvolvimento. No Brasil, estudiosos da área da educação e do desenvolvimento infantil têm reconhecido a diversidade de ambientes, de necessidades e de formas de relações que as crianças pequenas atualmente vivenciam em seu cotidiano, passando a centrar suas investigações no objetivo de como promover um atendimento de qualidade nas creches e pré-escolas, sob vários aspectos (Rossetti-Ferreira *et al.*, 1998; Abramowicz e Wajskop, 1995; Campos *et al.*, 1995; Oliveira e Rossetti-Ferreira, 1993, 1986; Kramer, 1993; Vitória e Rossetti-Ferreira, 1993). Coloca-se, assim, a importância de estudos sobre o processo de formação de relações que visem à qualidade das relações estabelecidas com as crianças no cotidiano, especialmente nos ambientes que oferecem cuidado/educação coletiva. Logo, o presente estudo tem como objetivo apontar a participação de valores sociais, que integram a cognição social, no processo de construção

da relação afetiva entre bebês e educadoras de creche.

A abordagem da Rede de Significações e a formação de relações

Grande parte das investigações em psicologia do desenvolvimento sobre relações afetivas entre educadoras de creche e bebês centra suas considerações nos comportamentos que a criança dirige para a educadora. Aqui neste estudo, considera-se o processo de interação social como básico para o desenvolvimento humano, do nascimento à morte (Amorim *et al.*, 2000).

As pessoas têm uma relação dinâmica com o meio social. As relações sociais são dialógicas, ou seja, são um espaço onde ocorrem trocas comunicativas e negociações (Lyra e Rossetti-Ferreira, 1995). Elas Possibilitam a construção gradativa de significados e conhecimentos sobre o mundo exterior e o próprio “eu” (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2004; Almeida, 2003; Amorim *et al.*, 2000). Entende-se que o bebê humano é capaz de estabelecer uma relação dialógica anterior a qualquer linguagem (Lyra e Rossetti-Ferreira, 1995; Fogel, 1993; Trevarthen, 1977).

O recém-nascido, especialmente do ponto de vista motor, é imaturo e incompleto. Ao nascer, devido à discrepância entre o seu desenvolvimento motor e sua condição de *ser social*, não é autônomo em suas ações, o que cria um espaço para a mediação de um parceiro adulto no cotidiano. É o adulto quem vai garantir sua sobrevivência e gradativamente inseri-lo em determinados contextos, significando o mundo para ele. Simultaneamente, também atribui significados para o bebê – para a sua atividade postural, suas emoções e aos comportamentos que manifesta de um modo geral (Werebe e Nadel-Brulfert, 1986) – o que propicia o início do processo de diferenciação do outro. A interação social conduz o desenvolvimento psíquico do bebê. Ela é esse espaço para as trocas comunicativas que ocorrem no aqui-e-agora, onde determinados comportamentos de ambos os participantes são destacados e assumem significados que foram construídos em com-

junto, ao longo desse processo.

O desenvolvimento humano é, portanto, fruto de um processo dialógico e histórico que constrói novas formas de conhecimento. A abordagem da RedSig (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2004) toma a relação afetiva como uma construção dialógica, mediada por pessoas (a família, os amigos, entre outras), que envolve diversos contextos sociais e conteúdos da matriz sócio-histórica (sociais, econômicos, políticos, históricos e culturais).

As pessoas significam o processo de interação social através da construção de sentidos, individuais, e do uso de significados, sócio-históricos (Vygotsky, 1934/1991). Um instrumento privilegiado que possibilita a apreensão e a materialização dessas significações é a linguagem. À medida que o homem utiliza e se apropria das diversas linguagens existentes (gestual, oral, escrita, etc.), que servem como mediadoras de sua relação com o meio, passa a ter acesso a um vasto conjunto de significados historicamente produzidos, que integram a sua cognição. Contudo, enquanto um ser ativo, ao se apropriar dessas linguagens, desses significados presentes em uma determinada cultura, ressignifica-os, conferindo-lhes um outro sentido (individual) que co-existe com o significado sócio-histórico. No entanto, não se deve desconsiderar que até os próprios significados sócio-históricos, transmitidos por valores, crenças e normas sociais são instáveis, já que podem assumir outros significados (Hall, 2001). Isto porque eles remetem a pessoa a outros significados (os excludentes, os suplementares) que são mobilizados no processo de significação, em função do contexto, das atividades e relações do indivíduo. Os conteúdos da matriz sócio-histórica são polifônicos e polissêmicos.

Através das relações sociais, os participantes assumem, negam e/ou recriam os significados que lhes são atribuídos, os quais são ressignificados e integrados às suas ações e funções psicológicas, transformando-os e abrindo novas possibilidades de desenvolvimento (Oliveira e Rossetti-Ferreira, 1993). Cada pessoa negocia os significados que atribui ao outro, os que lhe são atribuídos,

além daqueles que são atribuídos à situação como um todo, de acordo com os circunspectores que se impõem no momento. São considerados circunspectores os fatores que atuam direcionando o processo de significação, limitando o leque de opções de significados ou sentidos a serem atribuídos (Rossetti-Ferreira *et al.*, 2004). Tem-se, então, que o indivíduo constrói a sua individualidade e participa da construção da individualidade dos outros. Ao mesmo tempo em que se transforma, transforma também o meio em que está inserido. O meio aqui referido inclui não apenas as características físicas e sociais presentes no aqui-e-agora das situações, mas também outras pessoas e a cultura, com suas normas e valores sociais. Os diversos aspectos do ambiente físico, cultural e simbólico que circundam, por exemplo, o bebê na creche (espaço físico, valores, atitudes, normas, etc.) concretizam e refletem uma história cultural. As pessoas desempenham vários papéis, em (e de acordo com) ambientes culturalmente organizados e socialmente regulados (Valsiner, 1987).

Tem-se, então, que os valores sociais, enquanto significados sócio-históricos presentes na cognição social, atravessam o processo de construção da relação educadora-bebê, podendo ser negociados e, até mesmo assumirem outros sentidos ao longo desse processo. Simultaneamente os valores sociais, na sua função de circunspectores, imprimem as direções possíveis à construção da relação.

Cabe esclarecer que, neste estudo, definiram-se os valores sociais como as normas, crenças e os juízos presentes nos relatos sobre o processo de construção da relação educadora-bebê na creche.

Metodologia

A presente investigação foi realizada em uma creche universitária, com quatro bebês da faixa etária de 4-9 meses, suas educadoras e suas mães. O estudo atendeu às normas e procedimentos da Resolução 196/1996 do CNS-MS. Para a investigação do processo de construção das relações afetivas

entre as educadoras e os bebês, foram realizadas 60 entrevistas com as educadoras e as mães das crianças durante os primeiros seis meses da inserção dos bebês na creche (Almeida, 2001). Todos os participantes do estudo assinaram um termo de consentimento informado. As entrevistas eram semi-estruturadas e versavam sobre os temas *percepção da criança*, de sua *saúde, alimentação, sono*, de seu *relacionamento com a educadora e com as outras crianças*, do *relacionamento educadora-família da criança* e sobre a *história familiar anterior à entrada da criança na creche*. Após diversas leituras das entrevistas integralmente transcritas, procedeu-se à análise de conteúdo, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da RedSig. Obteve-se 17 recortes de entrevistas cujo conteúdo expressava valores sociais sobre o processo de construção da relação afetiva educador-bebê. Dez trechos foram retirados de entrevistas feitas com as educadoras e sete extraídos de entrevistas realizadas com as mães dos bebês.

Resultados

De um modo geral, observou-se nas entrevistas a presença de crenças e juízos de valor sobre cuidados infantis, a relação afetiva mãe-bebê, o papel da educadora e alimentação de bebês.

Os valores que atravessaram as entrevistas feitas com as mães se situaram principalmente na esfera dos cuidados infantis e na da relação afetiva mãe-bebê. Eles foram acompanhados de dois sentimentos básicos: o sentimento de culpa e sentimento de perda do amor da criança.

Nas entrevistas realizadas com as educadoras, os relatos continham crenças e juízos de valor principalmente sobre cuidados infantis, o papel do educador e a alimentação de bebês.

A seguir têm-se as crenças e os juízos de valor que foram construídos nas entrevistas pelas mães e pelas educadoras.

Uma das mães relatou os valores que lhe foram transmitidos por sua própria mãe sobre creche: creche é um lugar onde judiam

das crianças; elas ficam confinadas, sujas e choram:

“... O problema, eu, eu, eu sempre falo pro meu marido, às vezes o problema é que eu fico agitada. (...) eu acho assim, que, que a expectativa, prá, pre, pelai, eh, digamos assim, prá ingenuidade dela, ela tá encarando melhor. A gente cria muito fantasma. Fantasma que a minha mãe vê de creche assim, de criança suja, criança que tá presa, criança que berra, e chora de, tipo assim, das tias que ficam judiando da criança. É essa idéia que a minha mãe tem de creche e que de alguma forma eu também criei na minha mente.” (1^a entrevista sobre Patrícia, há 4 dias na creche. Idade: 9m6dias)

Ela queixou-se que esses sentidos (de sua matriz sócio-histórica) estão impregnando, atuando como circunspectores, na sua forma de significar a experiência que ela está vivendo com a entrada de sua filha para a creche. Estão lhe causando ansiedade, angústias, sentimentos de culpa e de perda do amor da filha, sentimentos explicitados em suas falas ao longo das entrevistas.

As demais mães entrevistadas também se mostraram culpadas por terem que deixar seus filhos na creche. Uma, porque considerava que criança pequena deve permanecer junto à mãe. Nota-se que ela fala como se considerasse que a permanência de seu filho na creche foi um mal necessário:

“Aaa creche acho que não foi nem uma opção, foi um... é foi uma opção mas foi um, foi a única alternativa mesmo. Prá mim, não existiria outra. Eu não tenho outra possibilidade de ... Porque eu não tenho família aqui (...) Eu achei difícil (riso). Primeiro assim, eu acho que filho pequeno, o ideal seria estar com a família mesmo até certa idade. Você vê assim as necessidades da criança muito pequena, né? É ... embora assim haja a socialização, tenha todas as suas vantagens, mas também eu acho que, no fundo, o melhor para a criança de um

ano, até dois anos, eu acho, é tá com os p... com a família. Eu penso assim.” (8^a entrevista sobre Débora, há 6m15dias na creche. Idade: 11m).

Já a outra, porque se sentia ameaçada de perder o amor da filha. Esta mãe optou por deixar sua filha na creche porque ela acha que as educadoras têm preparo técnico para cuidar das crianças:

“A opção era pagar uma creche. (...) Em momento algum, eu vislumbrei a possibilidade de, de pagar alguém pra, pra ta cuidando em casa. Em momento algum eu pensei nisso. Por uma série de questões que eu acho que é muito problemático. Eeeee, então a idéia era de fato colocar numa creche, até pelo, pela preparação técnica que essas moças têm pra cuidar, né, das crianças como elas cuidam.” (8^a entrevista sobre Ivana, há 6 meses na creche. Idade: 13m11dias).

Esse significado *técnico* que ela atribuiu às educadoras parecia lhe garantir o lugar de figura principal de afeto de sua filha e relacionar-se a um sentimento de perda de amor que lhe ameaçava.

Por fim, a quarta mãe entrevistada sentia-se culpada por não ser a figura exclusiva de cuidados do seu bebê. Para garantir para si própria o controle com os cuidados oferecidos à criança, ela tomou como sua principal preocupação, isto é, como fio condutor de suas relações sociais na creche, a alimentação do seu filho na instituição. Ela temia que a criança pudesse sentir fome e não ser adequadamente atendida. Assim, ao ser indagada como estava sendo a adaptação do bebê e dela à creche, respondeu:

“Eu acho que a preocupação primeira da gente é a alimentação, né? Porque você fica... Quando tá amamentando é você, né? Então você se sente extremamente responsável. E se ela não come? Pronto, né?” (1^a entrevista

sobre Juliana, há 3 dias na creche. Idade: 4m25dias).

Quanto às educadoras, elas também questionavam a conveniência de se separar o bebê de sua mãe nos primeiros meses de vida. Uma delas, disse que os pais das crianças de creche, em geral, têm um sentimento de ambivalência quanto ao fato de seus filhos freqüentarem creche. Ela atribui esta ambivalência à separação, que considera uma situação difícil:

“Embora eles queiram, eles façam de tudo prá tá aqui, quando chega, parece que eles ficam meio, alguns ficam meio... balançados, né? “Será que era isso mesmo que eu queria?” Separação é difícil.” (Educadora Eliana)

O processo de construção da relação das educadoras com o bebê (e sua família) na creche parecia ser atravessado pelo discurso de que lugar de se criar criança pequena é em casa, então a adaptação de uma criança e sua família à creche é um processo dolorido:

“(...) Porque o primeiro ano de vida é muito difícil. Ainda mais trazer o seu bebê pra uma instituição assim coletiva.” (Educadora Vera)

Outro tema que atravessou o processo de construção das relações entre uma das educadoras e seus bebês foi a alimentação. Ela atribuía significados para o comportamento das crianças de acordo com o tipo de alimentação que elas recebiam. Assim, o bebê que era amamentado no peito não dormia continuamente porque devia sentir mais fome (que os bebês que não mamam no peito). Ele também precisava mamar para dormir e não gostava de beber suco:

“Ela, ela tem... alimentação quase, né, somente exclusiva. Então, quer dizer, ela tá nas introduções ainda do leite... de mamadeira, então ela... use, eeeh... se alimenta pelo leite materno. Então, eu acho que tááá, tá tranquilo, assim. Tá o, é o

esperado, ao meu ver, né? Eh, nessa idade eles dormem tudo picadinho mesmo... eeeh e criança que num mama num aceita outro tipo de mamadeira, é, as mamadeira de leite, entãoooo eless, hän, num, num dá prá saber o tanto de tempo eles vão dormir. Porque parece que eles ficam mais, né, num sei se eles sentem mais fome, sei lá. Eu sei que eles, tem criança que, eles são acostumados assim, a mamar toda hora prá dormir. (...) Agora, o suco... o suco assim: tem criança que não gosta mesmo, né, muito do suco. Principalmente criança que só ah, mama no, no peito... né?"

Já o outro bebê sob sua responsabilidade, era descrito como tendo um comportamento surpreendente pois, mesmo continuando a ser amamentado, era uma criança tranquila, que aceitava a comida que lhe era oferecida e comia bem:

"...ela aceita muito bem o suco, muito bem mamadeira no li, de leite, frutas que ela tem... E mama na mãe também. Eu acho fantástico! Eu acho fantástico!"

É como se o bebê de creche, por comer bem, não precisasse ser amamentado.

Discussão

As educadoras levam para o processo de construção de sua relação com o bebê valores presentes na sua matriz sócio-histórica e os negociam com as mães. As mães das crianças, figuras mediadoras da relação criança-educadora, por outro lado também negociam com a educadora, demais funcionários da creche e sua família os sentidos que constroem sobre cuidados infantis, e suas representações sobre creche. A dialogia, tal como destacada por Fogel (1993) e Trevarthen (1977), entre outros, parece ser a característica fundante das relações.

Vê-se que as pessoas participam do processo de interação social atribuindo e negociando sentidos e significados aos eventos e às pessoas (inclusive a si mesma),

tal como postulado por Rossetti-Ferreira e colaboradores (2004). Assim, as relações são construídas. A importância de se reconhecer a presença de normas, crenças e juízos de valor nesse processo está no fato deles nos apontarem que a construção de uma relação não se restringe apenas a uma diáde, tal como o bebê e a educadora de creche. Outras vozes também se fazem presentes. No caso deste estudo, a construção das relações educadoras-bebês foi mediada tanto pela participação ativa das figuras maternas das crianças (com suas concepções sobre cuidados infantis e sobre a relação mãe-filho), como, por exemplo, pelas vozes de outras pessoas que atravessaram as falas e foram absorvidas enquanto o discurso de mães e educadoras (Almeida, 2001).

As relações interpessoais devem ser consideradas como sistemas de comunicação em desenvolvimento. Vygotsky (1934/1991) já destacara a importância decisiva das relações sociais enquanto um processo que gera para os participantes sentidos e significados que foram produzidos e são compartilhados na interação social. Logo, os valores e os significados transmitidos nos planos social e histórico colocam-se entre os elementos básicos da cognição social que constroem as relações sociais e o conhecimento de si mesmo, do outro e dos fenômenos do mundo.

Referências bibliográficas

- Abramowicz, A. e Wajskop, G. (1995). *Creches – atividades para crianças de zero a seis anos*. São Paulo: Moderna.
- Almeida, L.S. de (2001). *As transformações da relação afetiva entre o bebê e a educadora de creche nos relatos de educadoras e mães*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, USP, Ribeirão Preto, SP.
- Almeida, L.S. de (2003). Rede de relações: sociais: um processo dialógico. *Documenta*, 8 (12-13), 97-107.
- Amorim, K.S.; Vitória, T. e Rossetti-Ferreira, M.C. (2000). Rede de significações:

- perspectiva para a análise de inserção de bebês na creche. *Cad. Pesq.*, 109, 115-144.
- Campos, M.M.; Rosemberg, F. e Ferreira, I.M. (1995). *Creches e pré-escolas no Brasil*. São Paulo: Editora Cortez.
- Clarke-Stewart, K.A.; Gruber, C.P. e Fitzgerald, L.M. (1994). *Children at home and in day care*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Fogel, A. (1993). *Developing through relationships: origins of communication, self and culture*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hall, S. (2001). *A identidade cultural na pós-modernidade* (5ª ed.) Rio de Janeiro: DP&A.
- Kramer, S. (1993). *Com a pré-escola nas mãos – Uma alternativa curricular para a educação infantil*. São Paulo: Editora Ática.
- Lyra, M.C.D.P. e Rossetti-Ferreira, M.C. (1995). Transformation and construction in social interaction: a new perspective on analysis of the mother-infant dyad. Em: Valsiner, J. (Org.). *Child development within cultural environments. Comparative cultural constructivist perspective*. (Vol. 3). Norwood: Ablex.
- Oliveira, Z.M.R. e Rossetti-Fereira, M.C. (1986). Propostas para o atendimento em creches no Município de São Paulo: histórico de uma realidade. *Cad. Pesq.*, 56, 39-65.
- Oliveira, Z.M.R. e Rossetti-Fereira, M.C. (1993). O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil. *Cad. Pesq.*, 87, 62-70.
- PNAD. Pesquisa nacional por amostra de domicílios 1998 (1999). *Brasil, Grandes Regiões, Unidades da Federação e Regiões Metropolitanas* [CD-ROM]. Síntese de indicadores 1998: Brasil e grandes regiões. Rio de Janeiro: IBGE.
- Rossetti-Ferreira, M.C.; Mello, A.M.; Vitória, T.; Gosuen, A. e Chaguri, A.C. (Orgs.). (1998). *Os fazeres da educação infantil*. São Paulo: Editora Cortez.
- Rossetti-Ferreira, M.C.; Amorim, K.S.; Silva, A.P. e Carvalho, A.M.A. (2004). *Rede de significações: e o estudo do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- Trevarthen, C. (1977). Descriptive analysis of infant communicative behavior. Em: Schaffer, H.R. (Org.). *Studies in mother infant interaction*. New York: Plenum Press.
- Valsiner, J. (1987). *Culture and the development of children's actions*. Great Britain: John Wiley & Sons.
- Vitória, T. e Rossetti-Ferreira, M.C. (1993). Processos de adaptação na creche. *Cad. Pesq.*, 86, 55-64.
- Vygotsky, L.S. (1991). *Pensamento e linguagem*. (Original publicado em 1934). São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Werebe, W.J. e Nadel-Brulfert, J. (1986). (Orgs.) *Henri Wallon*. São Paulo: Editora Ática.